

Apresentando a *Antologia de poesia afro-brasileira*: 150 anos de consciência negra no Brasil

Presenting the Antology of Afro-brazilian Poetry: 150 years of Black Consciousness in Brazil

Zilá BERND¹

Resumo

O artigo faz uma apresentação da *Antologia de Poesia afro-brasileira*: 150 anos de consciência negra no Brasil, editada em 2011 pela Mazza, editores de Belo Horizonte, salientando a tendência predominante dos poetas dos últimos vinte anos de construir uma identidade relacional, além do aumento considerável do número de poetas mulheres, destacando as obras de Conceição Evaristo, Leda Maria Martins e Ana Cruz.

Palavras-chave: Poesia negra. Poesia afro-brasileira. Memória. Identidade relacional.

Abstract:

The article presents the *Anthology of Afro-Brazilian Poetry: 150 years of Black Awareness in Brazil* which came out in 2011 by Mazza, publishers from Belo Horizonte. It emphasizes the predominant tendency of the poets of the last 20 years to build up a relational identity, and also the considerable increase in number of female poets, particularly the works of Conceição Evaristo, Leda Maria Martins and Ana Cruz.

Keywords: Black Poetry. Afro-Brazilian. Memory. Relational identity.

1 Doutorado em Letras (USP). Pós-doutorado na Université de Montréal (Canadá), em 1990. Foi presidente da ABECAN (1999-2001) e do Conseil International d' Etudes Canadiennes (2003-2005). Aposentada como titular da UFRGS. É professora e orientadora convidada do Programa de Pós-Graduação em Letras/UFRGS e contratada pelo Centro Universitário La Salle (UNILASALLE-Canoas). Site <<http://zilabernd.com>> . End. Av. Victor Barreto, 2288 – Canoas – RS. Cep 92.010-000. Tel. 51-34768721. E-mail:<zila.bern@unilasalle.edu.br>.

O convite para participar como palestrante do *Seminário de Educação/2011 – Educação e Relações Raciais; dez anos de estudos e pesquisas na UFMT* me proporcionou dupla alegria. Primeiramente, por ter presenciado um evento de grande magnitude no que diz respeito ao número de participantes e também quanto à qualidade dos trabalhos desenvolvidos no âmbito do NEPRE-UFMT. Em segundo lugar, por ter tido a oportunidade de lançar, durante este evento plurirracial e multicultural, a *Antologia de poesia afro-brasileira: 150 anos de consciência negra no Brasil*, editada pela Mazza, em 2011. Trata-se da reedição de uma antologia lançada há 20 anos atrás, em 1992, e que teve a pretensão de atualizar a produção poética afro-brasileira que emergiu no decorrer destes últimos vinte anos.

Para esta apresentação da *Antologia de poesia afro-brasileira*, penso que vale a pena retroceder um pouco no tempo para localizar a origem da pesquisa que deu origem à primeira antologia (1992) e à segunda (2011). Meu interesse pela literatura negra ou afro-brasileira emergiu em razão da forma negligente como essa expressão literária era tratada nos compêndios de Literatura Brasileira. Um exemplo desse *esquecimento*, ou desse verdadeiro apagamento da produção poética afro-brasileira dos manuais *oficiais* de grande circulação em escolas e universidades, é Luís Gama (1830-1882), autor de *Trovas Burlescas* (1859), que era mencionado nas Histórias de Literatura Brasileira apenas em nota de rodapé (atenção às notas de rodapé!). Esse poeta criou uma poesia muito mais contundente em termos de proposta abolicionista – por ser satírica, do que Castro Alves (1847-1871), o incensado poeta baiano, cognominado “poeta dos escravos”, que produziu um discurso em favor do negro, pela libertação dos negros, mas não propriamente um discurso *do* negro em primeira pessoa do discurso, como o fez Luís Gama. Em nossas pesquisas só definimos como literatura negra aquela cujo eu-enunciador se define como negro, assumindo plenamente sua negritude no nível do poema que enuncia. Nesses termos, apenas os poemas de Luís Gama seriam propriamente poemas afro-brasileiros ou negros, no sentido que hoje damos ao termo, tanto é que Luiz Gama encabeça a antologia que reeditamos em 2011 e Castro Alves não a integra (BERND, 1988a).

O que pretendo demonstrar aqui é que o discurso da margem, do poeta que se auto-denominava um *trovador proscrito*, aquele que invocava as musas da Guiné, foi, quase 80 anos antes de Aimé Césaire, considerado o pai da Negritude, o enunciador de um discurso da Negritude. Podemos nos perguntar como isso foi possível. Se o movimento da Negritude imortalizou Aimé Césaire e Léopold Sedar Senghor, que nos anos 1930 colocaram os signos em rotação, isto é, fizeram a palavra *nègre*, que é pejorativa em francês, passar a ser usada com orgulho pelos negros. A negritude foi uma estratégia de diversidade: transformar o significado da palavra *nègre*, que exilava os negros, pois servia para humilhá-los, em motivo de orgulho, passando a alicerçar o sentimento de identidade da comunidade negra em todas as partes do mundo (BERND, 1988b). Pois é exatamente o que faz em 1860 o nosso, esquecido até

bem recentemente, Luís Gama, ao escrever o famoso poema *Quem sou eu?* (GAMA, 2011, p. 113), também conhecido como a Bodarrada, no qual assume com orgulho a palavra bode que era usada, à época, para ofender o negro.

Quem sou eu? Que importa quem?
 Sou um trovador proscrito
 Que sou eu?
 Eu sou bode,
 Mas aqui n' esta boa terra
 Marram todos, tudo berra
 Nobres, condes e duquesas
 Ricas damas e marquesas
 Deputados, senadores
 Em todo as há meus parentes
 Entre a brava militança
 Fulge e brilha alta bodança...

Nessa perspectiva, cresce nosso interesse pela diversidade em literatura, na medida em que essa diversidade vai ampliar os horizontes de pesquisa. A aceitação do Diverso desencadeia processos de hibridação ou de crioulização, como refere Édouard Glissant (1981), poeta, escritor e ensaísta das Antilhas francesas, impondo a reflexão sobre o identitário.

Essas premissas foram as bases para uma tese de doutoramento na USP sobre a emergência de uma consciência negra no Brasil (BERND, 1986) e também das antologias, cujas publicações se seguiram à publicação da tese. Na presente edição de 2011 da *Antologia de poesia afro-brasileira*, foram selecionados mais de 100 poemas de cerca de 35 poetas, ao longo de 150 anos de maturação da consciência negra no Brasil, tendo sido possível observar o trânsito entre dois tipos de formação identitária:

1. A tendência ao enraizamento identitário (raiz única):

A poética resultante dessa tendência se alicerça na afirmação identitária a partir da recuperação de resíduos memoriais que podem unir a comunidade negra em sua luta contra preconceitos e até discriminações remanescentes na sociedade brasileira ainda hoje. Esse processo pode tender a construções identitárias redutoras – de raiz única – já que o quadro de referências nos quais se apoiam irá se limitar ao âmbito da comunidade negra. Se, por um lado, em determinados momentos da caminhada rumo à plena afirmação das subjetividades, essas ações afirmativas se fazem necessárias, há o risco desse tipo de identidade se construir sem levar em consideração as alteridades da nação brasileira, que se autoproclama mestiça, criando barreiras e cordões de isolamento.

Exemplifica essa tendência o poema *Justiça vidente*, de L. Correa (1996, p. 119).

As minhas palavras de pedra
 Hoje as quero rolando pelas ladeiras
 Nas mãos dos moleques de rua,
 Rompendo telhados de vidro
 Dos antigos maus vizinhos, das caras da cor da lua
 Quero as palavras de pedra pelas ruas da cidade.

2. A tendência ao enraizamento dinâmico ou relacional:

A passagem da busca identitária, do tipo de raiz única, pivotante, para uma abertura ao que se pode chamar de *enraizamento dinâmico ou relacional*, ou seja, de uma procura das origens que não negligenciará os rastros deixados pela palavra materna; da busca de uma identidade que quer se construir no respeito à alteridade e no reconhecimento da extraordinária diversidade da nação brasileira.

Mas o que seria este enraizamento dinâmico?

Trata-se de um conceito de identidade do qual nos fala o sociólogo francês Michel Maffesoli (2001): *enracinement dynamique*, que considera ao mesmo tempo fundamental a afirmação da identidade e o respeito à diversidade e a abertura para a relação com o outro. Trabalha com a perspectiva de que vários níveis de identidade podem ser contemplados simultaneamente e que o sujeito negro é também brasileiro, profissional, que pertence a um gênero e desempenha um papel na sociedade, que ele quer igualitária e solidária. Alguns falam de *enracinerrance* (enraizerrância), ou seja, prefiguram movimentos identitários em constantes processos de mobilidade e de abertura às demais culturas em presença no Brasil e nas Américas. Segundo Rita O.-Godet, *enracinerrance* é um neologismo que funde os termos enraizar e errância: “Esse termo expressaria a abertura ao outro e ao alhures (*ailleurs* em francês), mas a partir de si e para voltar a si” (GODET, 2010, p. 194).

Estaríamos aqui em condições de pensar o resgate memorial afro-brasileiro em termos de reatualização de memórias transatlânticas que, no entender de Paul Gilroy (2008, p. 15), “[...] fazem surgir culturas planetárias mais fluidas e menos fixas”. Segundo Paul Gilroy, autor de *O Atlântico negro*, a aventura extra-nacional dos negros, que tem início com a diáspora africana, se caracteriza por “[...] padrões de fluxo e mobilidade e pela criatividade intercultural” (GILROY, 2008, p. 15).

Assim, não seria somente a enunciação em primeira pessoa que caracterizaria uma poética negra, como escrevi em minha tese de doutoramento em 1988.

Naquela altura insisti muito nesta característica da enunciação em primeira pessoa para caracterizar a poesia negra ou afro-brasileira. Hoje penso que, mais importante do que essa característica², é o trabalho de resgate da memória social em sua extraordinária diversidade e os efeitos da memória transatlântica, aspecto fundamental da literatura afro-descendente no Brasil atual.

As obras de literatura afro-brasileira ativam todos esses tipos de vestígios ou rastros memoriais. Primeiramente, os rastros da oralidade trazidos pelos migrantes nus, para utilizarmos uma expressão de Édouard Glissant (1995), em relação às migrações africanas para as Américas, como as canções, os rituais religiosos e os provérbios, reutilizados na confecção dos poemas. Os rastros escritos e a pesquisa em arquivos alternativos, fruto de árduo trabalho de levantamento de dados sobre a escravidão, realizado no Brasil e no exterior: todos os resíduos são considerados. O que restou nos arquivos escritos e orais é reativado pela sensibilidade e preenchido pela imaginação criadora. A noção de vestígio está, pois, associada à presença de resíduos das práticas do passado naquilo que chamamos de presente. Assim, constrói-se a escritura como uma casa assombrada, uma casa habitada pelas intercorrências de recordações fragmentadas integradas ao tecido textual: rezas, mitos, citações, provérbios, cantigas de ninar, o ressoar dos tantás e os rituais da cultura africana preservados na América, malgrado as rigorosas proibições.

Mas, talvez, o grande ativador da memória sejam os rastros psíquicos deixados pelo impacto de violências cometidas, como os relatos sobre estupro, açoitamentos e toda sorte de castigos físicos cometidos contra os escravos durante e depois da travessia nos navios negreiros, que deixam rastros indelévels na memória dos poetas.

Édouard Glissant retoma a metáfora da *trace*, valorizando-a. Afirma que “[...] la pensée de la trace est celle qui s’oppose aujourd’hui le plus valablement à la fausse universalité des pensées de système”³ (GLISSANT, 1995, p. 15). Utiliza esta imagem quando descreve o migrante nu (escravo) trazido à força da África e obrigado a aderir à cultura dos senhores, colocando a questão: o que vai se passar com esse migrante? “Il recompose par traces une langue et

2 Definir literatura negra pela emergência de um eu enunciadador tinha a grande vantagem, à época em que foi defendida a tese, de desepidermizar a questão, que era sempre discutida em termos da cor da pele dos escritores.

3 O pensamento dos traços/rastros/vestígios é aquele que se opõe hoje de maneira válida á falsa universalidade do pensamento de sistema. Trad. nossa.

des arts qu'on pourrait dire valable pour tous" (GLISSANT, 1995, p. 15)⁴. O exemplo que o autor apresenta é o seguinte: a conservação, por determinadas comunidades que chegaram ao Novo Mundo, de tradições, cantos, lendas, cerimônias de enterro, festas e comemorações foi muito difícil e se deu de forma fragmentária para o deportado africano que chegou em situação muito precária e na condição de propriedade do senhor branco. Contudo, ele fez algo de imprevisível a partir, unicamente, do poder da memória: com base nos vestígios que lhe restaram pode (re)compor, de um lado, línguas crioulas sobre vestígios das línguas africanas e, de outro, formas de arte como o *jazz*, reconstituído nas Américas a partir de *traces* de ritmos africanos, sendo hoje considerado música de todos e não apenas da comunidade afro-americana.

No âmbito dessa apresentação não seria possível falar de todos os poetas que foram elencados na antologia. Gostaria, então, de oferecer um recorte para salientar a importância do crescimento da participação feminina: enquanto, na primeira edição da Antologia, uma única poeta - Miriam Alves - havia sido incluída (Porto Alegre: IEL/AGE), na versão atual seis mulheres estão incluídas e muitas outras poderiam estar, se a antologia não fosse unicamente de poesia. A recém-lançada Antologia, intitulada *Literatura e afro-descendência no Brasil* - antologia crítica organizada por Eduardo de Assis Duarte (2011), professor da UFMG, apresenta uma forte participação feminina na prosa, incluindo a grande revelação da literatura afro-brasileira recente, que é Ana Maria Gonçalves, com a saga antológica *Defeito de cor*, com suas 950 páginas, onde o diálogo com a ancestralidade remonta à figura exemplar de Luiza Mahin, mãe do poeta Luís Gama.

A nova edição da *Antologia de poesia afro-brasileira*, por mim organizada, apresenta seis poetas, cujas obras apresentam uma temática recorrente: a tentativa de resgate memorial, através do diálogo, com as vozes de suas ancestrais femininas. São elas: Conceição Evaristo, Miriam Alves, Leda Maria Martins, Esmeralda Ribeiro, Jussara Santos e Ana Cruz.

A *primeira característica* dessa poética no feminino é rastrear os "guardados da memória", para retomar o belo título de Ana Cruz, através dos traços, dos fragmentos deixados pela herança de suas antepassadas. Mas, vale considerar também uma *segunda característica*: a passagem de uma certa busca identitária, do tipo de raiz única, pivotante, para uma abertura ao que se pode chamar de *enraizamento dinâmico ou relacional*, ou seja, de uma procura das origens, que

4 Ele recompõe, por traços/fragmentos, uma língua e artes que, poderíamos afirmar, são válidas para todos. Trad. nossa.

não negligenciará os rastros deixados pela palavra materna, uma identidade que quer se construir no respeito à alteridade e no reconhecimento da extraordinária diversidade da nação brasileira. A *terceira* característica da poética feminina afro-brasileira seria o resgate da memória transatlântica.

Resumindo: a poética afro-brasileira no feminino teria os componentes estruturantes que estão fazendo com que seu produto se distinga no cenário da literatura nacional:

- resgate das vozes das antepassadas;
- construção de uma identidade dinâmica e relacional;
- reconstrução da memória social a partir dos vestígios das memórias transatlânticas.

A literatura afro-brasileira no feminino se constitui, na contemporaneidade, em um ponto forte no âmbito da literatura afro-brasileira em geral. Assumindo as rédeas da própria enunciação, as escritoras, cuja seleção apresentamos a seguir, coadunam, em seu fazer literário, a busca de afirmação da identidade feminina e negra, através do resgate dos valores de suas linhagens, ou seja, tentando recuperar as vozes e os saberes de suas mães, avós, bisavós e tataravós, mergulhando lá onde memória e mito se entrelaçam e a imaginação os redescobre.

Os poemas se constroem num espaço intervalar entre memória e esquecimento, cujas lacunas serão preenchidas pelo resgate de imaginários de herança afro, atribuindo a si próprias e às comunidades, às quais estão ligadas, uma memória de longa duração. As raízes desta memória de longa duração ou memória longa (Gérard Bouchard) terão de ser buscadas, muitas vezes, do outro lado do Atlântico negro, em tempos anteriores ao da travessia, preservadas na memória das mulheres que as precederam em uma longa genealogia que remonta ao período escravocrata em seus inícios. Evidenciam assim, no poema, a *memória histórica*, rememorando fatos da história do negro no Brasil - deletados da historiografia oficial devido à condição que os descendentes de africanos ocupavam na sociedade - e a *memória familiar*, que parte em busca dos ensinamentos e da sabedoria contida na oralitura das gerações que as precedem.

Além das seis poetisas selecionadas, gostaríamos de ter inserido as poderosas vozes de Carolina de Jesus e Maria Firmina dos Reis, que viveu no Maranhão entre 1825 e 1917, filha bastarda de um senhor com uma de suas escravas. Foi uma pioneira, por ter sido a primeira mulher negra a se formar como professora e a produzir uma obra literária em prosa e verso, embora apenas atualmente tenha encontrado reconhecimento no cenário nacional. Como sua obra mais importante, o livro *Úrsula*, de 1859, é em prosa, deixamos

de incluí-la na Antologia, já que a maioria de seus poemas não retomam a temática da negritude: são poemas de amor, com exceção para o hino da Abolição dos Escravos:

Quebrou enfim a cadeia
De Nefanda escravidão
Aqueles que antes oprimias
Hoje terás como irão (LITERAFRO, 2011).

Na impossibilidade, no âmbito do presente artigo, de analisar a obra de cada uma das seis poetisas, exemplifico através de três dentre elas - Leda Martins, Conceição Evaristo e Ana Cruz - em cujas obras o diálogo com suas antepassadas nutre de forma exemplar a produção poética. Tentamos avaliar as estratégias de construção dos textos em um espaço intervalar entre memória e esquecimento, procurando resgatar imaginários de herança afro e atribuir a si próprias e às comunidades, às quais estão ligadas, uma memória longa. As raízes dessa memória de longa duração serão buscadas na herança africana, trazendo à tona a memória histórica, familiar, além dos vestígios preservados pela oralidade.

1 Leda Martins⁵:

Para Leda Maria Martins, em poema intitulado *Mnemosine*, do livro *Dias Anônimos* (MARTINS, 1999, p. 51-52), o núcleo central é o risco da perda da memória dos ancestrais, pois, como sabemos, *Mnemosine* é a deusa da memória:

Eu não vi quando amanheceu
E não ouvi o canto das lavadeiras
Madrugada afora seguindo o rio.
- Eu não estava lá

Eu não vi quando vergaram as árvores
E fecharam os dias
Nem quando recortaram as serras
De antenas elétricas eu vi.
Disseram-me
mas eu não estava lá.

5 Este estudo sobre as poetisas Leda, Martins e Conceição Evaristo foram publicados no artigo de BERND, 2010, p. 29-42.

A memória da minha ausência
 Lembra os anciãos nas veredas das noites
 Luarando cantigas serenas
 Fazendo olhar as meninas quase moças.
 Eu não ouvi os últimos acordes
 E não presenciei os suspiros
 Da infanta já feita senhora.

O eu enunciator lamenta o fato de não ter estado lá quando a história de seus ancestrais se desenrolou. Lamenta a ausência, mas luta contra o esquecimento, consciente que é de que lutar contra o esquecimento é de importância vital para a preservação da memória coletiva e para a consolidação de sua identidade de mulher negra, herdeira de toda essa tradição. O poema se torna o lugar de lamentação de sua ausência e de louvação a Mnemosine (BERND, 2010, p. 1), aquela que preserva do esquecimento, “[...] divindade da enumeração vivificadora frente aos perigos da infinitude e do esquecimento que, na cosmogonia grega, aparece como um rio, o Lethe, um rio a cruzar a morada dos mortos (de ‘letal’ esquecimento)”.

Entre memória e esquecimento, entre *Os dias anônimos* e o poema como tentativa de rememoração, se tece a poesia de Leda Maria Martins que, também como pesquisadora, se preocupa com a salvaguarda dos vestígios, “[...] dos instantes em ruínas”, como ela refere no poema *Reminiscências* (MARTINS, 1999, p. 32). No artigo *Orality da memória*, analisa as performances dos Congados em seu estado natal, Minas Gerais, considerando-os um sistema religioso híbrido. Estuda as manifestações da cultura negra como um lugar de “[...] encruzilhadas”, “lugar das intermediações entre sistemas e instâncias de conhecimento diversos” (MARTINS, 2001, p. 65).

2. Conceição Evaristo:

Igualmente na linha da preservação da memória ancestral, a poesia de Conceição Evaristo se manifesta - como ela mesma denomina - como *escrevivência* (EVARISTO, 2008), ou seja, sua produção em verso ou em prosa está intimamente ligada à sua própria existência. A dura realidade de mulher negra, vivendo no subúrbio do Rio de Janeiro, é atenuada pela escritura e pela recordação, palavra que compõe o título da obra - *Poemas da recordação e outros movimentos* - associada a movimento, já que *recordar* implica, como sabemos, em movimentar-se, em fazer passar novamente pelo coração as vivências ou os relatos passados de geração em geração. No poema *Do velho ao Jovem* (EVARISTO, 2008, p. 51-52), lê-se:

Na face do velho
 As rugas são letras,
 Palavras escritas na carne,
 Abecedário do viver
 O que os livros escondem,
 As palavras ditas libertam.
 E não há quem ponha
 Um ponto final na história
 Infinitas são as personagens
 Vovó Kalinda, Tia Mambene,
 Primo Sendó, Ya Tapuli.

O tema da riqueza da oralidade da cultura africana, que aparece no trabalho de Leda Martins, emerge com força na obra de Conceição Evaristo, que convoca, em longa lista, os nomes de membros de sua família, cujos ensinamentos ela precisa preservar, “[...] eternizar as palavras de liberdade ainda e agora”... (EVARISTO, 2008, p. 52). Cabe lembrar aqui a reflexão de Roland Walter (2009), expressa em obra recente a respeito da memória, da história e da identidade cultural na literatura da diáspora negra:

[...] a integração da memória individual e coletiva [...] deve ser entendida menos como uma transmissão de uma memória intacta de uma geração para a outra ou mesmo como um processo constante dentro de um grupo étnico, do que como processo contínuo de negociação entre os atos de rememoração e de esquecimento (WALTER, 2009, p. 67).

Nessa medida, entendemos que o processo criativo em *Poemas da recordação* se constrói como negociação entre memória e olvido, no espaço intersticial entre amnésia e anamnésia, entre lembrar e esquecer, sendo que as principais mentoras desse processo contínuo de negociação são as mulheres.

3. Ana Cruz:

Ana Cruz reacende a chama desta tradição que vai trilhar o caminho necessário de recuperação dos rastros deixados pela memória ancestral. Gostaria de relê-la aqui, no sentido de apontar também sua preocupação com os *Guardados da memória*, expressão que dá título a seu último livro, de 2008. Também no universo poético de Ana Cruz, cabe à mulher a tarefa de lembrar mulheres do passado, não necessariamente famosas, mas todas aquelas “[...] cujas experiências doridas não paralisaram a vida” (CRUZ, 2008, p. 27):

Clementinas, Carolinas, Elzas, Margaridas, Sebastianas,
 Mulheres cujas experiências doridas não paralisaram a vida.
 Sabiam que onde amalgamavam os códigos da existência
 Estavam impressas a coragem, a altivez espiritual.
 Mulheres ancestrais que, com a força de suas expressões,
 Derrubaram a clausura do opressor, abriram portas,
 Botaram a boca no mundo. Revelando-nos que as opressões
 Não detêm o domínio sobre os sentimentos.
 Matriarcas negras.
 Nossas Senhoras!
 (CRUZ, 2008, p. 27).

Em muitas literaturas americanas, como no Quebec, por exemplo, escritoras como Anne Hébert, em *Le premier jardin*, participam desse chamamento, nomeando mulheres cujos nomes não figuram nos livros de história, mas cujo labor, força e resistência tornaram possíveis movimentos como o feminismo, que vem avalizando as emergências da subjetividade da mulher em diferentes países e em diferentes literaturas.

Em recentíssimo poema, inserido em seu *blog*, Ana Cruz declara sua urgência em flagrar, nos fragmentos de vozes das antepassadas, o que chamamos de *tempo do esquecimento*. A palavra poética, melhor do que qualquer outra pode deixar emergir esse tempo do esquecimento, pois ela libera o que ficou retido nos desvãos dos textos históricos e nos descaminhos da memória. Não são as ideologias, nem as mídias que desvelam o *esprit du temps*: somente a sensibilidades compartilhadas, as cumplicidades, o desejo de “[...] compartilhar as dores e as alegrias que nascem da consciência de Ser na totalidade que alicerçam e dão forma aos sentimentos” (CRUZ, 2011), como refere o poema de Ana, não constituir o lugar privilegiado onde os nós da memória poderão enfim ser desatados.

Mulheres Bantas Nossas Vozes

Com minhas antepassadas aprendi a interagir com a beleza e a riqueza da diversidade africana refletida nos diferentes idiomas e dialetos.

Mulheres autoconfiantes com as quais compartilhei as dores e as alegrias que nascem da consciência de Ser na totalidade, sentimentos que alicerçam e dão forma aos sentimentos (CRUZ, 2011).

No entre lugar, entre memória, esquecimento e silêncio, criam-se estéticas feitas de vestígios culturais os mais diversos: o diálogo das poetisas afro-brasileiras

faz vir à tona esta escritura dos vestígios (traces ou traços) após árduo garimpo em arquivos escritos e orais. Fala-se, de um lado, em dever de memória, de outro, em esquecimento e, acima de tudo, no poderoso mecanismo ativador da memória, que é a sensibilidade, e o que preenche suas lacunas, que é a imaginação. Assim, Ana Cruz desvenda o imaginário de suas antepassadas, ficando atenta às marcas deixadas por elas em sua identidade. Ela sabe que sua identidade é uma casa assombrada; que sua escritura é uma casa assombrada devido a intercorrências, tais como recordações, fragmentos de canções, rezas, mitos, citações, provérbios etc. Com esses fragmentos recompõe no poema de hoje o universo de suas antepassadas, as mulheres bantas⁶.

Concluindo

Retornemos a expressão *enracinerrance*: a expressão se adequa à produção poética afro-brasileira atual que, sem negar a necessidade de enraizamento identitário fundado no trabalho do resgate memorial, se abre para uma variedade de temas e para a alteridade fecundante e indispensável à criação poética. Da raiz ao rizoma, do enraizamento de raiz única ao enraizamento dinâmico e relacional, frutifica a poesia negra ou afro-brasileira, traduzindo sua vinculação inelutável a uma tradição cultural de origem africana de base oral. Constitui-se, pois, em passagem entre uma expressão cultural baseada na voz, para outra, alicerçada na letra, reavivando espaços mnemônicos propícios a redefinições identitárias e culturais.

Sem mencionar explicitamente a travessia do Atlântico negro, as obras mencionadas se enraizam não apenas no solo brasileiro onde habitam. Percebe-se que sofreram o que Paul Gilroy (2008, p. 15) chama de “[...] contaminação líquida do mar”, que envolve mistura e movimento. Trata-se, portanto, de uma poética enriquecida pela mobilidade memorial que cruza o Atlântico, caracterizando uma escritura de certa forma transnacional e transcultural, entendendo-se aqui o “trans” como um “frágil equilíbrio relacional continuamente recriado na configuração do momento” (IMBERT; BENESSAIEH, 2010, p. 237).

Encerro, referindo-me à epígrafe de Ana Maria Gonçalves (GONÇALVES, 2010, p. 5) em *Um Defeito de cor*: “Quando você segue as pegadas dos mais velhos, aprende a caminhar como eles!” (provérbio africano).

6 Ana Cruz foi por mim estudada em artigo intitulado Poética afro-brasileira contemporânea, resgatando a Memória Social. In: BOLAÑOS, A.; ROJAS, L. (Orgs.). **Vozes negras das Américas: diálogos contemporâneos**. Rio Grande: editora da FURG, 2011. p. 289-304.

Referências

- BERND, Zilé. *Vozes negras na poesia brasileira: contraponto com a poesia de língua francesa do caribe*. Tese de Doutorado, São Paulo: USP, 1986.
- _____. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988a.
- _____. **O que é Negritude?** São Paulo: Brasiliense, 1988b. (Col. Primeiros Passos)
- _____. **Poesia afro-brasileira: 150 anos de consciência negra no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza, 2011.
- _____. (Org.). **Poesia negra brasileira - antologia**. Porto Alegre: IEL/AGE, 1990.
- _____. Poética afro-brasileira contemporânea, resgatando a Memória Social. In: BOLAÑOS, A.; ROJAS, L. (Orgs.). **Vozes negras das Américas: diálogos contemporâneos**. Rio Grande: Editora da FURG, 2011. p. 289-304.
- _____. Da voz à letra: itinerários da literatura brasileira. **Revista Via Atlântica**, São Paulo, n. 18, 2010, p. 29-42.
- CORREA, Severino Lepê. Justiça vidente. In: **Quilombhoje** (Org.) *Cadernos negros*, 19. São Paulo: Quilombhoje; Anita, 1996. p. 119.
- CRUZ, Ana. **Mulheres q'rezam**. Rio de Janeiro: Ed. da autora, 2001.
- _____. **Guardados da memória**. Rio de Janeiro: Ed. da autora, 2008.
- _____. **Polindo Sentimentos**. Projeto literário: mulheres Bantas. *Vozes de minhas antepassadas*. Disponível em: <<http://anacruzescritora.blogspot.com/>>. Acesso em: 13 ago. 2011.
- DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura e afro-descendência – antologia crítica**. Belo Horizonte: editora da UFMG, 2011. 4 vol.
- EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
- GAMA, Luís. Trovas burlescas. In: BERND, Z. (Org.) **Antologia de poesia afro-brasileira: 150 anos de consciência negra no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza, 2011.
- GILROY, Paul. **O Atlântico negro. Modernidade e dupla consciência**. Rio de Janeiro: Editora 34; Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2008.
- GLISSANT, Édouard. **Le discours antillais**. Paris: Seuil, 1981.

_____. **Introduction à une poétique du Divers**. Montréal: Presses de l'université de Montréal, 1995.

GODET, Rita Olivieri. Errância/ migração/migrância. In: BERND, Z. (Org.). **Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos**. Porto Alegre: Literalis, 2010. p. 189-210.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

IMBERT, P.; BENESSAIEH, A. La transculturalité relationnelle. In: BEBESSAIEH, A. (Org.). **Transcultural Americas/Amériques transculturales**. Ottawa: les Presses de l'Université d'Ottawa, 2010. p. 231-242.

LITERAFRO. Site da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, organizado por Eduardo de Assis Duarte. Disponível em: <www.letras.ufmg.br/literafro>. Acesso em: 03 set. 2011.

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MARTINS, Leda Maria. **Os dias anônimos**. Rio de Janeiro: SetteLetras, 1999.

_____. Oralitura da memória. In: FONSECA, M. N. S. (Org.). **Brasil afro-brasileiro**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 61-86.

MNEMOSINE. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Mnemosine>>. Acesso em: 21 fev. 2010.

PROENÇA FILHO, D. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Revista do patrimônio histórico e artístico nacional**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 159-177. 1997.

WALTER, Roland. **Afro-América: diálogos literários na diáspora negra das Américas**. Recife: Bagaço, 2009 (Coleção Letras).

Recebimento em: 15/03/2012.

Accite em: 20/03/2012.